CONVOQUEM AS MULHERES

RUY CASTRO *

Você já viu a cena nuns mil filmes americanos de tribunal. O sujeito pousa a mão esquerda sobre a Bíblia, aponta a direita para o céu (uma espécie de antena para sintonizar Deus) e jura dizer a verdade, somente a verdade, nada mais etc. Filmes americanos, repito. Pois nem nos filmes o camarada se atreve a mentir. Sabe que, se for apanhado, pegará um castigo pior do que o previsto para o crime pelo qual está se explicando. O nome disso, mentir em juízo, é perjúrio — palavra que, como se vê, existe também em português.

A lei brasileira prevê igualmente uma punição braba para quem é flagrado mentindo sob juramento. Mas, na prática, perjúrio no Brasil é letra morta. Jura-se em falso com certa tranqüilidade nas nossas cortes e, quando é flagrado, o mentiroso ruboriza-se ligeiramente e vida que segue. PC Farias e alguns depoentes na CPI do Orçamento não nos brindam nem com um leve carmim — a madeira-de-lei em seus rostos os impede.

Daí essa série de depoimentos inócuos que a CPI vem tomando ultimamente. O problema não é apenas de alguns dos inquisidores, que não sabem perguntar — fazem perguntas longas demais; duas perguntas ao mesmo tempo (o inquirido acha ótimo e só responde à segunda); ou perguntas que não terminam em ponto de interrogação. A maioria dos inquiridos é que sabe responder muito bem, como PC Farias. Bem até demais. E há aqueles que, apesar de convocados, ainda não tiveram tempo para comparecer, como o deputado Ibsen Pinheiro, que parece estar muito ocupado fazendo dieta. A continuar assim, a CPI não precisará voltar para o segundo tempo do jogo, depois das festas.

Pois aqui vai, de graça, uma solução para esse

impasse: a CPI esquecer por uns tempos os implicados nos escândalos e interrogar suas esposas. As pessoas dos implicados, digo.

D. Elma, por exemplo. A senhora de PC Farias chorou e disse, ainda na Tailândia, que se lembrava muito bem do vaivém em sua casa. Deputados, senadores, empreiteiros, banqueiros e membros do governo entravam e saíam como se fosse a casa da-mãe-joana. Chegavam sem avisar, não tinham hora para ir embora e muitas vezes ela teve de mandar comprar estoques extras de carne-de-sol, para atender à manada que Paulo César convidava para almoçar ou jantar. E isso todo dia. Ela queria manter a cozinha “um brinco” e não conseguia, com aquelas pirâmides de louça suja 24 horas por dia. Suas empregadas viviam reclamando do excesso de serviço. Sem falar nas cinzas de cigarros e charutos no sinteco. Que amolação.

E o que mais a revolta é que, enquanto Paulo César vive agora momentos tão difíceis — praticamente dividindo sua cela na PM de Brasília com um papagaio —, os malandros estão numa boa, tomando seus uisques em liberdade e com o dinheiro que Paulo César lhes repassou. É justo isso? E ninguém se ofereceu até agora para ajudar. Até a roupa suja do marido, incluindo os coletes à prova de balas, ela tem de mandar buscar para lavar. Se a convocarem para depor, D. Elma ameaça entregar todo mundo, a começar pelo chefe — Fernando —, de quem nunca gostou. Odiava-o quando, já presidente, ia visitar Paulo César às escondidas, no meio da madrugada, e interrompia os poucos minutos que ela tinha para ficar enroscadinha com o marido.

Outra esposa que pode fornecer subsídios para a

CPI, na repetida ausência do marido, é a senhora Ibsen Pinheiro. Ela também está curiosíssima para saber de onde saiu aquela caminhonete de dinheiro que apareceu na conta dele: US\$ 2 milhões! Mme. Ibsen nunca desconfiou que estivessem tão bem de vida. Ora, pois ela se lembra muito bem da mão de ferro com que Ibsen controlava o orçamento da casa, sem permitir o mínimo luxo. Ibsen dizia que, se o povo queria austeridade, aquela casa também teria que querer. E, quando ela lhe sugeriu que comprasse uma bombacha nova, para substituir a bombacha xadrez que ele vinha usando há mais de 10 anos nas festas típicas do Rio Grande, Ibsen quase subiu pelas paredes.

Mme. Ibsen também não se conforma porque, quando ela lhe propôs voltarem às Ilhas Gregas — mas só os dois, sem aqueles baianos que foram juntos da outra vez —, Ibsen se pôs de perfil e argumentou, muito grave, que, com o seu salário de deputado e presidente da Câmara, não podiam dar-se a tais extravagâncias. E, em troca, propôs-lhe um fim de semana em Capão da Canoa.

Por falar em caminhonete, Mme. Ibsen sabia que aquele negócio de seu marido com o deputado Genebaldo não ia dar certo. Era uma barafunda de cheques que iam e vinham, e nada de aparecer a bendita caminhonete. Mas o pior não é isso: como é que, agora, ela vai explicar para suas vizinhas que tinham tanto dinheiro, sem parecer unha-de-fome?

É de cortar o coração o drama que esse pessoal deve estar vivendo no seio de suas famílias.

**Por que a
CPI não ouve
as esposas?
Elas também
querem saber
sobre o
dinheiro.**

* Jornalista e autor de *O poder de mau humor*. Escreve todas as sextas-feiras nesta página